

CONTOS

DESTINOS DE VIDRO

CARLOS PESSOA

CONTOS PREMIADOS

**palavras
não houvesse
teria
morrido nas origens
mediocre
e tolo como um bobo
da corte**

A quem pertence o direito autoral de minhas narrativas:

À Maria Lúcia, companheira de cantos e contos. Fiel leitora e revisora.

À Silvinha que trilha na economia com sensibilidade.

Ao Marcos que descobriu a poesia na arquitetura.

À Hilda, minha mãe, que me fez compreender o feminino.

À memória de meu pai que deixou nos escondidos de sua pasta o quanto torceu pelos filhos.

Aos meus avós que misturaram Lisboa, Coimbra, Minas Gerais, Índios (?) e Africanos.

Aos parentes, amigos e pacientes que me ofertaram muitas metáforas.

Escondidos em batom lilás, 5

O grito não vingou, 10

A precisão de um cio, 12

A cor e a textura de uma folha de papel em branco, 18

Intrusos, 23

Destinos de vidro, 26

O vizinho do piso superior, 33

Renda portuguesa, 35

Você não diz absolutamente nada em braile, 39

Geometria, 41

Hermafroditas roçam vento com suas espigas, 48

ESCONDIDOS EM BATOM LILÁS

Ouvia Billie's Best, *What a Little Moonlight Can Do*, debruçado sobre o parapeito da janela da velha casa rosada, uma das poucas que resistiu aos buldôzeres. Algumas seqüelas ficaram desenhadas nas paredes, semelham as linhas do rosto da velhice. Tinha dignidade, ali, metida entre dois arranha-céus, o telhado ferido de tralhas que vinham de cima. Foram meses de acordo sem solução. Depois, veio o pior, ameaças veladas, desaforos e telefonemas anônimos. A mãe trazia um ego agreste, fruto de uma viuvez precoce. Havia outra forma de a mulher sobreviver sem o macho? Nas horas de desesperança ela pegava o velho álbum de fotografias e ficava a passar os dedos no rosto dele. O ventilador arvorava o vestido, refrescando as pernas abertas. Aprendi muito cedo a conhecer a cor e o cheiro do desejo no rosto da mulher. Cresci com eles. A saudade puxava a linha do tempo, trazia na ponta o prazer, um sorriso taciturno que logo escapava. O que você está olhando?, dizia de seu canto. Mal imaginava a vontade que eu sentia de preencher o espaço e segurar no rosto dela o brilho adiamantado. Logo ofuscava, os traços deslustravam-se, a linha escapava da mão e trazia uma nuvem pesada e indefinida. Escurecia a casa toda, não se preocupava com a roupa que usava, ficava dias sem tomar banho. Acalcanhava o piso de madeira corrida a noite toda. Quando acalmava, eu recostava o corpo no dela, deslizava as mãos de um lado a outro de seu rosto, acariciava as dobras desconhecidas com cuidado, fitava meu reflexo nos olhos dela, enormes olhos, do tamanho da tristeza.

No dia em que a garota atravessou a rua, também ouvia Billie's Best, *Speak Low*, ficou marcado. Vinha da outra calçada. O cabelo foveiro e cortado rente. O vestido caía leve sobre o corpo, discretamente transparente e elegante. Os seios tocavam o tecido sutilmente, os pés procuravam fugir das rachaduras do asfalto. Não conseguiu, os olhos saltaram em grito, a voz pouca, quase não se ouviu. O joelho acurvilhou-se. Saltei a janela imediatamente, ofer-

eci meu braço, levei-a até a calçada. A dor incomodava, ofereci-lhe a casa, deixei-a sentada na poltrona e corri até o banheiro. A caixa de emergência, onde estava a caixa de emergência? Meu reflexo no espelho, a mãe estendida na banheira, o sangue incontinente. Foi a primeira vez que vi a cara da morte. “Em vós os olhos têm o mouro frio, / Em quem vê seu exício afigurado”, Camões. Deixou uma longa carta. Nada de culpas, apenas relatava os bens que possuía e o modo como gostaria de me ver utilizando-os. Meu amor não foi suficiente para manter a chama de sua vida... Estão aqui, o mertiolate, a água boricada e a gaze.

Os joelhos sangravam, sulcados e cheios de areia. As pernas semi-abertas deixavam à mostra os pêlos acastanhados, as coxas feitas ao torno e o cheiro volátil do sexo. Estava sem calcinha. Os pequenos olhos pediam para que eu poupasse a dor. Meus dedos percorreram suas sobranceiras espessas, perambularam pelo rosto e pararam nos lábios. Fique calma, não vai doer nada, disse-lhe com carinho. Rosto no rosto, não estava diante de uma harpia, sua cabeça era única. Só faltava dizer que estava diante de uma deusa. Afastei um pouco o vestido para cima. Passei lentamente a gaze embebida em água boricada no ferimento. Ela não esboçou qualquer movimento ou gemido. Passei outra, desta vez seca, sem desviar o olhar de suas pernas. Aproximei os lábios para beijá-la. Ao mesmo tempo em que sussurrou um não, contraiu as coxas. Desculpe, foi a única palavra que consegui articular. Ajeitei os medicamentos e a gaze no estojo. Voltei ao banheiro. Quando retornei, ela havia desaparecido. Somente nesse momento percebi o ambiente sem música, a vida sem rumo, a linha também me havia escapado. A mãe foi enterrada ainda outro dia, o corpo costurado pelos homens de branco que precisavam dar satisfações à justiça, a mesma que nunca a protegeu. Foram meses e mais meses andando de fórum em fórum à procura dela, deparava com rostos corrompidos de juizes e promotores. É melhor a senhora entrar em acordo, diziam-lhe sem pudor. Recebeu uma migalha

como indenização pelos estragos causados pela construtora, deu apenas para remendar, nada mais.

A moça reapareceu alguns meses depois, um pouco envergonhada pela saída repentina e sem agradecimentos. Trazia uma caixa de bombom nas mãos. Veja, os joelhos estão cicatrizados, disse, levantando um pouco o vestido. Ah, ia me esquecendo, são para você. Que boba que fui, você foi tão gentil e eu fugi. Não me deixava falar, os olhos desassossegados mirando os móveis da casa. Não parava de me oferecer fragmentos: o pescoço longo, a veia ingurgitando com a fala, os braços descobertos e os lábios enormes, escondidos em batom lilás. Os cheiros sempre me atraíram, cerrava as pálpebras para que a luz não interferisse. A pele tem raízes que exalam perfumes, são glândulas alquímicas, à mercê do ritmo circadiano e do humor. Quanto mais próximo do sexo, mais viçoso o aroma. Peguei um bombom da caixa e ofereci outro a ela. Gosto da mobília, do pé direito alto, já passei muitas vezes por aqui, queria conhecer por dentro, nunca pensei que fosse desse jeito... Aproveitei sua distração para agarrá-la por trás. Mordisquei suas costas. Voltou-se toda encolhida, a menina do olho igual a da mãe. Também desejava, mas tinha medo. Por que faz isso?, nós não podemos, não é certo. O que é certo ou errado? Era paixão, o sangue corria rápido. Ela fugiu... pela segunda vez.

Mandei flores, as mulheres têm um vínculo místico com perfumes e cores. Os poetas descobriram primeiro; os amantes, depois. A mãe gostava delas, para vê-la sorrir bastava um botão de rosa. Telefonou, agradeceu, conversamos longamente sobre coisas à toa. As pétalas renderam segredos, estava casada há dois anos, o marido não a satisfazia. Trepava, gozava, virava de lado e dormia. Com certeza, nunca experimentaria um orgasmo completo, igual ao que vi quando criança, entre coelhos. Na hora agá, eles param, entram em transe, o olhar fixo em algum sonho. Sonhariam? Eu a atraía, não havia dúvida, percebia ao tocar os lábios em seus ombros ou no roçar dos corpos quan-

do dançávamos. Ela vem duas vezes por semana. Hoje é dia, está um pouco atrasada. Talvez tenha desistido. Da última vez, ao confirmar a vinda, percebi-a ansiosa e embaraçada. São muitos os pontos de convergência: curtimos a mesma música, nossos signos se completam, adoramos dançar e, mais importante, percebemos a atração que sentimos mutuamente. Mesmo assim, ela mantém um limite que eu espero ultrapassar nesta tarde.

Lá vem ela, o sorriso aberto me acenando, *East of the Sun* de fundo. Nunca esteve tão bonita, a tarde tão ensolarada, o tesão tão à vista, metida no vestido amarelo que deixava seu corpo desnudado. Não será difícil convencê-la... Afinal, que mal há em uma mulher amar e satisfazer outra mulher?

O GRITO NÃO VINGOU

Era dobrar a esquina para desdobrar o passado. A vida feita de plissês, cuidadosamente engomada. Dobras sobre dobras, sanfonada, emitindo um acorde silente. Ruídos de interiores barrocos. De acordeom. O fole sopra as lâminas metálicas da palheta. A máquina fotográfica aproxima e afasta a objetiva da chapa fotográfica. Registra. Fixou o homem de cabelos grisalhos e inglesado, óculos de aros arredondados, ao lado de sua mulher, saia lisa até os joelhos e um lenço protegendo a cabeça. Imagens. Máquina alguma registrou o ato na penumbra criada pelo pavio que flutuava em óleo. São noturnas. Momentos táteis que só uma máquina mística registraria em forma de energia. A mulher carregou a culpa de ter mostrado o calcanhar para o vizinho. Foi sombra enclausurada, até a morte. Nenhum Aleijadinho esculpiu as curvas incomuns, originais e excêntricas desse silêncio.

O interno e o externo... O homem que passa na rua não tem nada de fotografia. Ele sua e respira com dificuldade. Verte pavor. Os olhos espiam cada ângulo, janela e porta da cidade. Onde a saída? Chama a si todos os olhares e desaparece. Entra na primeira porta. O som é o de igreja. Pisar no templo. É preciso muito silêncio para Deus ouvir os pensamentos. A luz indireta vem de orifícios invisíveis. Desliza sobre o marrom-vermelho dos tijolos à vista. É olhar. São sombras, o homem e a mobília. Ouve-se o roçar de metal em madeira. Os olhos do homem pesquisam o peso do ouro. A fome é terrena. Anjos nunca se refletiram em espelhos. São como fantasmas. Também não devem ver as feridas das injustiças. As maçãs do rosto do homem lembram cúpulas, inflexões da miséria. O peso da fome movimenta o ar no estômago. Ouve-se um ruído cavernoso que nada lembra o de um órgão. Soubesse do abditório...

Pega ladrão! O grito não vingou. O personagem anônimo e fugitivo tem uma chaga que não cabe em um conto. Transbordaria qualquer moldura, mesmo que usássemos frases e parágrafos cheios de curvas. Pouco importa.

Fizeram de conta que não o viram entrar na igreja. Continuaram pelas esquinas da metrópole. Da cúpula da cidade, um festim libidinoso lambe a porra dos homens. Paro para ver o quadro que o pintor expõe sem receio. Observo as pessoas que passam. Pedras-sabão. A manivela do realejo gira o cilindro denteado. Ninguém pára para ouvir. O periquito retira um pequeno papel azul da gaveta. Qual a sina? Basta puxarmos a memória para desdobrar as desoras. Até o fecundado. Desconhecidos, o início e o fim.

A mulher que passa deixa a barriga inchada à mostra. O vestido bufante, o rosto inchado e as pernas abertas. Prenhe, cheia de curvas, umbigo retraído, sem janelas. No silêncio flutua o ovo. Multiplica-se. Criação alguma admite vazios. Das dobraduras orgânicas às circunvoluções do cérebro nasce a metáfora do criador. Entre ruídos metálicos e homens fantasiados de branco. O hospital com largos corredores, passos frágeis de freiras, pé direito alto, cúpulas côncavas e tijolos à vista. Alguém toca cravo na capela. O cravo no quarto foi um presente. A criança é um anjo de pé torto no décimo andar do prédio. A mãe, uma madona, observa os pecadores nas ruas. Alguém grita a bala perdida. Sirenes. Carros de polícia e ambulâncias. Gritos e cantos gregorianos. Música profana. Dobras ao infinito. Mallarmé... *E agora não há mais do que sombra e silêncio.*

A PRECISÃO DE UM CIO

O relógio da igreja estava adiantado. Queria acreditar nisso para justificar o atraso. Mas o sujeito vestido de preto que suava em bicas conhecia a habilidade dos homens que fizeram aquelas engrenagens. Demorou anos para desvendar os segredos das rodas dentadas que se escondiam atrás do mostrador do relógio da igreja da Matriz. A precisão era a sina de seus ponteiros. Portanto, o atraso era real. A frustração era puxada dente-a-dente pelo tempo.

A cadela no cio que arrastava um tapete de bocas salivantes e machos cegos distraiu-o. Sedentos de desejo. A imortalidade é uma cadela no cio. Nela está a genitália do universo. Depois do gozo, a morte. O lenço no pescoço e no rosto dessecam. Fazia muito calor naquela tarde de outono. Tarde frouxa, mortiça, vazia de almas e de movimentos. Nenhuma brisa, nenhum pássaro, nenhuma borboleta, nada além dos latidos dos cães que dobraram a esquina com seus latidos e dos corpos morrediços, amortecidos pelo álcool, dos mendigos que acompanham todas as igrejas desde os tempos do Pe. Antônio Vieira. Apenas os sermões já não são os mesmos. Nem o luxo. Palavras puídas, como as roupas, pelas horas e pela ausência do criador.

No interior da igreja, os bancos, em madeira rústica e maciça, estavam despovoados. Somente a luz indireta, dissimulada e oblíqua cortava aquele silêncio de fundo de mar. Chamou um denso suspiro e um poema não anotado. Muitas poesias são perdidas por falta de papel e caneta. Iluminam o lado invisível e desconhecido da matéria. Habitam terras de ninguém. Talvez um raio as ilumine na textura de fundo, transforme-as em desenhos e relevos. Assim eram as paredes da igreja, adornadas por imagens santas incrustadas, dependuradas e pintadas. Apesar do ouro, eram bens espirituais, estavam ali para serem admirados enquanto imagem. Aceitáveis, portanto. Sentou-se sem desviar os olhos daquelas metáforas e alegorias. Fora, o temporal e o terreno;

dentro, o espiritual e o místico. Seduzia-o aquele clima de ausência, do amor a Deus de forma pura, vazia de outros valores. Procurou um entrepano, um muro divisório, não os encontrou. Sabia que estavam em algum lugar entre a rua e o púlpito. Invisíveis, obscuros e sombrios. A morada da verdade e da poesia.

Um homem misturou-se às imagens. Sem provocar o menor ruído, ajeitou os castiçais sobre as banquetas, acomodou o cálice e o missal, e saiu. Com certeza, não eram mais dele os pensamentos. Jejuaria e oraria até ser agraciado com a imortalidade. Passos abafados pela espessura das paredes venciam obstáculos, pareciam ascender. Acompanhou-os degrau a degrau. Do campanário, uma bimbalhada clareou o silêncio. Dos céus, pombos arrulharam por toda a praça. Em disparada, cães saíam das sombras. Tinham esperança de abocanhar algum. Macho e fêmea copulavam. Ao som do bronze no campanário, fiéis invadiam como formigas a praça. Emparelhados, afetos e igreja. Enchiam a nave e ocupavam os bancos com suas ninhadas barulhentas. Um órgão emitia algumas notas musicais. Pedaleiras tecendo fios sacros. Oratórios e tocatas de Haendel e Bach. Envoltório gasoso de poesia. A partitura fala de rabiscos que cantam.

O homem ficou algum tempo parado na escadaria externa, observando os aposentados alimentarem as aves. De costas para o altar-mor. Procurava algo. A algazarra vinha das crianças que jogavam pedras no casal indecente que copulava em público. Vasculhava cada canto da praça. No horizonte, um céu amarelo-avermelhado como polpa de abricó; do interior da igreja vinha o som do coro. Uma brisa fria começava a incomodá-lo. Afastou-se dali. Procurou a proteção de uma lanchonete que ficava ao lado da igreja.

A mulher na janela, do outro lado da rua, não havia ido à missa. Penteava os escorridos cabelos. Ele sabia que aquela cena não seria a última. Não acreditava em finais, nem em fios tecidos sem rompimentos. Era artesão do tempo e plantador de gemas e nós. Daí ter dado pouco importância ao fato.

A mulher somente percebeu o homem quando ele passou por sua janela. Não viu o rosto. Sentiu um arrepio estranho. Fazia muito tempo que o corpo não respondia a nada. Somente aos apetites da carne e mesmos estes a torturavam. Num rápido movimento, comparou-o ao seu companheiro que dormitava na cama de casal. O porco roncava, barriga inchada pela cerveja e falta de exercício. Caía sobre ela como um saco de batatas. Todo e qualquer sentido se esgotara. Fungava e desistia. Quanto mais impotente, mais ciumento. E o tempo foi roubando o apetite e a imaginação. Também o ciúme.

O da rua se parecia com o dos sonhos: alto e moreno, cabelos cheios e negros. Cozinhou e vestiu-se com luxúria e sensualidade para o sujeito da fantasia. Por isso trepava de olhos fechados. Pena não ter visto a cor dos olhos dele. Sonhava sempre em branco-e-preto. Nunca procurou o motivo. Adorava homens morenos de olhos verdes. Nunca o encontrou. Ficou na memória e nas fitas cinematográficas. Ambos deteriorados pelo tempo. Imagens fragmentadas e desprovidas de seu egoísmo.

Agora, era tarde. Deixou-o desaparecer no horizonte sensível e voltou ao espelho e ao foxtrote. Irritou-se com a garrafa e o copo vazios de vodca. Era a única forma de continuar viva. A vida segura por um único apetite. Olhou para o outro lado do espelho. O fundo do quarto escuro mostrava o esboço do marido, do lençol continuando o amarfanhado do corpo dele, objetos pessoais jogados pela cadeira e pelo chão. Odiava natureza morta. No centro, o rosto de uma mulher de sessenta, surrada por ter sido falsa consigo mesma, desolhada e mal-amada. Tão simulada como as amigas que sempre criticou. O corpo amarrado em seda desde o nascimento. Primeiro a família, depois o casamento. Poucas, muito poucas, voaram, arriscaram sair do casulo. Algumas o fizeram da janela de seus apartamentos. Ela não, escolheu o caminho da vodca. Alcoólatra, além de tudo. O que era visível e o que era emoção para uma bêbada?

O ruído áspero sobre o disco levou-a do espelho. A agulha procurava a música nos microsulcos. Colocou *Miles Davis* sem perceber que o marido não roncava. Não encontrou mais vodca. Abriu um *Ron Caribbean Club*, 5 anos, que havia comprado em Cuba. Turismo exótico. Uma fumaça preta saía pela chaminé do hotel e riscava o céu limpo de Havana. Prenúncio de defumação do cidadão. A lenha se rendia e fornecia calor aos estrangeiros. À noite, o desfile de moda e prostitutas. Gigolô anos cinqüentas. Com sapato branco-e-preto, terno branco e chapéu. O dono da casa guardava o luxo antigo como a um totem. Ele era o sacerdote. Não demoraria para as portas desse templo abrirem-se ao redor. Qual homem seria tão maluco a ponto de preferir a pobre Ítaca de Ulisses ao luxo e comodidade que a modernidade nos oferece? Será possível o luxo com justiça?

Havana ficou nos anos cinqüentas. Uma arte triste e pesada que somente os goles que desciam pela garganta poderiam afastar. Não entendeu o quadro à óleo, uma transparência em tons de azul, que sugeria dois corpos, ao lado de Guevara. Suas ilusões também estavam desgastadas pelo roçar das horas. Iluminadas por néon em alguma casa nos arredores da cidade. Já experimentavam o desperdício, apesar de estarem vivendo com o mínimo necessário.

O último badalo do sino da igreja acordou-a da viagem. Deu mais um gole e foi até o banheiro. O jovem cubano não sabia o que fazer com os seios à mostra das alemãs que pediam cerveja. Parecia gostar. Algumas dezenas de anos de lutas rendidas por um par de belos seios. A imagem congelada na memória abriu desejos que minarão lentamente o poder. Mijou forte e rindo. Duas mulheres nuas são suficientes para derrubar um governo. O cio é muito mais forte que as idéias.

Saiu do banheiro cambaleando. No caminho até a cama, esqueceu da viagem. Procurou espaço no lençol. Aproximou-se do companheiro. Achou simpático os lábios roxos e frios do marido. Sempre o imaginou um morto agradáv-

el. Ajeitou o corpo dele. Era esperado, há meses não manifestava o menor apetite por nada. Até a cerveja abandonou. Por que a olhava daquela forma?

Como todas as amigas, quis compreender o sentido do que ouvira na infância. Não tivesse ouvido falar do amor, talvez não se encontrasse naquela situação. Por que a mentira passava de geração a geração? Talvez o companheirismo desinteressado que conheceram com as eternas brigas e desgastes fosse o verdadeiro amor. Virou-se para o outro lado. Pela primeira vez dormiria sem ouvir o ronco dele. Balançou o relógio no ar para ver se funcionava. Nunca funcionou. O tempo parado sempre na mesma hora. Como saber o horário de sua morte? De manhã, veria o que fazer. Avisaria parentes e amigos. Apagou a fraca luz do quarto. Uma brisa fria agitou a cortina e trouxe o céu estrelado. O bom-humor puxava uma bela noite, uma madrugada calma, um renascimento. Um fim... nunca!

A noite puxou o dia. A mulher acordou bebendo. Pegou a agenda e telefonou para o médico. A funerária ficava ao lado, esperaria abrir. Avisou amigos e familiares. Tentou vestir o marido, era pesado demais. Além do mais, havia no corpo dele uma rigidez que dificultava o trabalho. Foi até a janela. Curiosamente o homem da noite anterior passava na calçada; mas em sentido contrário. Vinha do lado do embaçado das montanhas. Pensou no tempo em que não via esses pequenos detalhes da natureza. Quantas coisas deixou de ver? O desconhecido vestia a mesma roupa preta do dia anterior. Novamente não conseguiu ver seu rosto. Dirigia-se à velha e surrada igreja da Matriz.

Durante todo o dia, manteve-se do lado do marido. Cansada dos “meus sentimentos”, sentiu-se aliviada quando a pá silenciou e as máscaras foram embora. Colocaram a melhor roupa e mandaram lavar os carros. Faziam de tudo uma festa. A expressão e a fala disfarçavam seus vícios. O ouro ornamentava e o perfume disfarçava qualquer deslize da alma. Era o único objetivo do supérfluo: esconder-se de si próprio. Não era o luxo que envenenava a nação,

mas o homem. Rejeitou os convites de parentes e amigos para que dormisse com eles e retornou à casa. Sabia que convidavam por gentileza. Também não tentou explicar. Não entenderiam se dissesse que queria ficar um pouco ao lado dele. Foi o que fez nesses quarenta anos, ficou ao seu lado. Literalmente, foram cúmplices do maior roubo de suas histórias, o de suas individualidades.

Sorte ter encontrado uma lanchonete aberta. Parou para comprar umas garrafas de vodca. Contribuiria com os impostos. Ao sair do bar, embrulho debaixo do braço, reencontrou o sujeito de preto. Ele estava de pé, na porta da lanchonete, olhando para a janela do quarto dela. Misteriosamente, ela se viu, na tênue luz daquele quarto, penteando-se. O vulto do marido refletido no espelho, os objetos espalhados pela cadeira e pelo chão, a música...

Esses acontecimentos tornaram-se freqüentes nos últimos meses. O álcool roubava-lhe toda a noção de dentro ou fora; de real e espelho. Imaginava tê-lo visto uma vez mais, talvez observando-a na janela. Mas o relógio estava quebrado e o tempo parado. O mundo e as mentalidades atrasados. A única certeza era a de detestar homens sem rosto e céu abricó. Por isso fechou a janela no exato momento em que o cão livrava-se da cachorra. Ainda viu quando ele, em disparada, foi disputar outra cadela. Janela como anteparo, enclausurada para sempre, ela tinha uma única certeza: a imortalidade era uma cadela no cio.

A COR E A TEXTURA DE UMA FOLHA DE PAPEL EM BRANCO

Dedo indicador no nariz, o homem fuçou o buraco calmamente. Parou a ponta do dedo na frente dos olhos. Notou a estreiteza do campo visual, daí aproximar e afastar o dedo procurando o ponto de melhor foco. Estava envelhecendo. O cigarro deixou uma marca escura na unha e na pele ao redor dela. O corpo estranho foi analisado com a minúcia de um relojoeiro, como se fosse o primeiro. No fundo, a sombra de um homem não lhe despertou maior interesse.

Hábito antigo, gostava de passar o dia sentado no portão. Vez ou outra, ia bebericar na cozinha. Pinga de alambique, das boas, nunca desprezou. Aprendeu com o pai. Um gole só. Retornava esfregando as mãos e fazendo careta. Os olhos vermelhos e brilhantes fixavam o olhar no final da rua. Oferecia-lhe outro colorido. Há anos, aguardava da vida algo mais do que ser tetracampeão ou herói por ter sobrevivido às endemias, epidemias, desnutrição, doenças profissionais, atropelamentos e às chacinas. Mas um dia era imitação do outro: os mesmos rostos, indo e vindo, como o fole de um acordeão. O desemprego aumentado como praga. O tempo cada vez roubando mais o espaço. Construíram um prédio enorme na praça do bairro. Uma construção cheia de curvas e arcos. Dizia o italiano vizinho que imitavam a arte de sua cidade natal. Que importância teria se roubou o local onde ele jogava truco, xadrez e conversa fora? Desde então, o destino do italiano era uma velha cadeira de madeira no apertado da calçada. Gordo, as pernas inchadas transudam água.

Além das crostas, gostava de brincar com as palavras, frases e sintaxes. Elas permitiam o jogo, mantinham o pouco que restou de sua individualidade. Levavam personagens para a rua e traziam pessoas para personagem. Assim foi com a vizinha, uma húngara corpulenta, loira de olhos claros, ancas saltando do corpo. Os indícios não deixavam dúvidas: ela tinha um caso com o

motorista de táxi. O homem era um nordestino calado pelo intemperismo da vida, sempre bem-trajado, gel no cabelo, com costeletas bem-aparadas e rosto arredondado. Não dispensava o sapato marrom e branco e o chapéu caído sobre a testa. Trazia uma cicatriz no lado direito do pescoço. Ficava carrancudo quando lhe perguntavam o motivo. Ele a valorizava. Poucos sabiam que foi provocada por um acidente ainda na infância. Foi estourar uma bombinha dentro de uma garrafa e um caco quase lhe cortou a jugular. Imaginavam fruto de valentia de nordestino, de algum acerto de contas, coisas da deusa Fama em seu castelo cheio de orifícios que assopravam novidades ao mundo. A mulher caiu nas graças dele. Essas coisas de paixão desenfreada, sem muita explicação, que acontecem em romances, mas também na vida. De repente, ela trocou de marido, de roupa e de sorriso.

Ele gostava de matutar coisas inúteis. Elas vinham e iam como os insetos que voejavam o lixo. O que mais poderia fazer um pobre morador de uma vila esquecida pelas autoridades? Água, algumas horas por dia. O córrego em frente mais parecia um esgoto ao ar livre. Sem aviso, cortavam a energia elétrica. Daí manter uma vela em lugares estratégicos na casa. A luz no rosto, esboços de objetos e o negrume imitavam um quadro à Oitocentos. Nessas horas, a palavra morte entrava em seu circuito. Arrepiava-se todo ao pensar na possibilidade de ser enterrado vivo. Avisou a mulher para colocar uma vela e uma caixa de fósforos no caixão quando partisse. Ela brincou com a seriedade dele, perguntou-lhe se queria alguns livros e revistas. Para quê?, pensou. As palavras ajuntavam-se em sua cabeça sem o mínimo esforço. Sua história de vida mudou tanto que não sabia mais o que era real e o que era imaginação. O velho álbum de fotografia trazia-lhe à lembrança uma infinidade de passados. Apesar disso, nunca o agradou escrever. Letras possuíam alma? Palavras pensavam? Duvidava... Sabia que elas nasciam, morriam e ressuscitavam... Cristo é uma palavra...

O gringo, o marido da húngara que se apaixonou pelo pernambucano, sabia tudo o que falavam de Cristo, conhecia cada sentido bíblico. Trabalhador exemplar, treinava brasileiros em uma multinacional. A guerra não lhe deu outra opção, era pegar ou largar. Perdeu dois filhos na viagem, foram lançados ao mar. Submergiam em sonhos. Ninguém soube como o caso da mulher chegou até o ouvido do homem. Um dia ele resolveu parar para conversar, falou de coisas fúteis. O tremor nas pálpebras parecia um aviso. O italiano não se cansava de dizer que na terra dele homem era homem, mulher era mulher — um pouco fora de época, hã de concordar -, e naquela situação alguém tinha de morrer. Mas a passividade do homem intrigava, o que levou os amantes a abusarem da sorte. Um dia tinha de acontecer. Aposentou os mandamentos. Sentiu ódio de Noé por ser um incluído, de Deus por ter abandonado Cristo à sua sorte, e matou os dois. Isso mesmo, o tiro entrou pela têmpora do amante. A mulher apanhou antes de morrer, estava cheia de hematomas. Talvez quisesse morrer assim, pelas mãos do marido.

Ser testemunha do caso passou a ser o assunto predileto. Fazia frio e garoava... Começava a narrativa dando um tom nebuloso e sombrio. Não fosse sua intuição e teria fugido da chuva. Mas algo lhe dizia para ficar um pouco mais no portão. Assim conseguiu os detalhes. Apresentou-se ao policial que primeiro chegou ao local. Foi logo dizendo que viu um homem cruzar a rua e jogar o revólver no córrego. Para ele, parecia tranqüilo demais para alguém que acabava de matar. Frisou que o suposto assassino chegou a ajeitar a gola do paletó calmamente sobre o rosto para se proteger da chuva. Depois, desapareceu na esquina. Não, não estava perto quando ele atirou — o fato constou dos autos — mas ouviu o estampido poucos minutos antes de o sujeito aparecer e jogar o revólver nas águas sujas do córrego.

A sombra e o ruído. Quase tudo na vida é conseqüência deles. A mulher retirava as roupas do varal para que não molhassem. Os pensamentos inúteis

se foram com ela. A falta de ação e razão trouxe novos sons. A boca da mulher segurando o pregador, o pregador segurando a roupa, a roupa segurando o desejo. Há quanto tempo não trepavam? Um dia ela se queixou de dor, parou de reclamar do hábito que ele tinha de enfiar o dedo no nariz, meteu o seu na televisão e clique, desligou o botão do prazer. As bundas ficaram frias. Sentia falta do rosto bravo que ela lhe dirigia; do verde dos olhos que ficavam mais verdes ainda quando sentia raiva ou gozava. Estranho perceber essas coisas somente agora... Achava-a atraente, mesmo metida naquela roupa simples e desbotada. Cuidou dos filhos como ninguém. Não deitava enquanto não tivesse certeza de que estavam bem-acomodados e dormindo. Sobrava tempo para o marido. Adorava ser lambida, ouvir o barulhar da secreção na vagina e gemer baixinho. Não conversaram sobre o assunto. A velhice trouxe esses respeitos inúteis. Pensamentos... Mais passamento... O distanciamento imposto pelo tempo não o incomodava mais. Com a morte das palavras, apareceu um enorme abismo, cheio de murmúrios e sentidos, o que lhe permitiu brincar com as peças do jogo dos signos.

Quando se voltou, não havia mais crosta ou sombra. Somente a cena do crime. A mulher, não mais de quarenta anos, cabeça caída na janela, mantinha os olhos abertos, fixos no chão. Exangue. A pele mais clara que os cabelos. A cor e a textura de uma folha de papel em branco. Faltavam palavras ali. Levou um tiro no peito e outro na genitália. O sangue escorreu pela blusa, formou uma poça coagulada na saia, sobre o colo. Alguém colocou a fotografia da família no colo da húngara. Ao lado, faltava miolo na cabeça do homem. As pálpebras fortemente cerradas indicavam um último esforço para não ouvir o estampido. De nada adiantou. Foi carimbado também com um tiro nas partes baixas. Os corpos dos amantes ficaram em exposição quase um dia todo. O sangue misturou-se ao das manchetes dos jornais. Romantismo e guerra. Os pais evitavam que as crianças se aproximassem dos corpos, a morte era um segredo dos adul-

tos. Os bombeiros vasculharam horas o córrego e não encontraram a arma.

Não fosse a vista e a chuva, poderia jurar que o assassino era o gringo. Mas sombra era sombra... Entrou para não se molhar. Ajudou a mulher a recolher as últimas peças do varal. Sem arma e testemunha ocular não havia como sustentar a autoria de um crime — se é que houve algum; sem palavras, nem a existência da narrativa é sustentável... Nada falou para a esposa...

INTRUSOS

Indiferente aos ferimentos causados pelas dentadas, o homem puxava os ratos pelo rabo. Havia bloqueado as entradas das tocas com chumaços de pano. Em desespero, os pequenos roedores procuravam uma brecha esquecida entre as pedras que formavam a base do muro. O cheiro de gasolina impregnava o pequeno espaço, entre o muro e a parede de uma casa de alvenaria, ainda sem revestimento e pintura. Ateou fogo nos tampões e na gasolina esparramada pelo chão. Observou os roedores até que o último fosse reduzido a carvão. Procurou logo um escovão, sabão em pó e uma mangueira. Com uma pá retirou os restos dos pequenos animais e jogou-os do outro lado do muro, em um terreno baldio. Serviria de alerta a outros intrusos.

Entrou pela cozinha. No chão, viam-se ratoeiras espalhadas por todos os cantos. O homem encurvado, de cabelos caídos sobre a testa, mãos sujas de sangue, preparava uma sopa. Não podia dividir o alimento com ninguém, muito menos com os pequenos animais, vizinhos antigos. Eles estavam em toda parte, incomodavam seu sono, roíam seus poucos pertences, roubavam sua comida. Daí ter declarado guerra contra eles. Mas eles não acabavam nunca, agiam à socapa, enquanto estava no escritório. Sentia-se envergonhado com o cheiro do corpo que tentava disfarçar com perfumes. Todo sábado o mesmo ritual, os panos velhos, a gasolina, o fogo. O sono entrecortado pelo ruído provocado pelas ratoeiras e pelo roer de madeiras e outros objetos. De bocadinho a bocadinho, nada sobrava. Mas não perdia a esperança de um dia se livrar de todos eles. Pelo menos na próxima noite, dormiria melhor. Eles sempre desapareciam depois de um ataque maciço. Voltavam aos poucos, percebia-se nas trilhas de papéis espalhadas pelos cantos da casa. Davam tempo para nova estratégia. Da próxima vez jogaria gasolina nas entradas das tocas antes de atear fogo. Foi o que fez um mês depois. Não fechou as entradas, permitiu que todos retornassem ao ninho. Depois, com uma mangueira, jogou litros de gasolina mistu-

rados com óleo diesel. Ouvia-se uma explosão que se perdeu na distância. O óleo queimou algumas horas, uma fumaça negra saiu em vários pontos espalhados pelos terrenos vizinhos. Durante um bom tempo, a noite silenciou.

E tão profundo foi o silêncio, que o homem não conseguia dormir. Parecia ouvir seu próprio pensamento. E eles roíam, abriam novas tocas, multiplicavam-se, irritavam mais que os roedores. Não cheirava mais a ratos, mas preocupava-se com o que os outros poderiam pensar caso soubessem de suas idéias. Incomodava-o a solidão imposta pelo extermínio. Ouvia ruídos que logo mostravam ser obra de sua imaginação. Os pequenos desapareceram de seus sonhos. Percebeu o quanto odiava o chefe, as ordens estéreis que vinham dele, o trabalho inútil de somar números e mais números. Avaliar custos. Pela primeira vez começou a preocupar-se com o preço da vida, a olhar as coxas da Gildete, uma das secretárias do escritório. Solitário, gozava a ansiedade que se avolumava, sem que ansiolíticos resolvessem. Quando muito, afastavam alguns dias os pensamentos que vinham em enxurrada. Jorro de desconhecidos.

O escritório aumentava, o chefe aumentava, as coxas de Gildete não caberiam em sua cama. As tocas multiplicavam-se na frente do espelho. Que homem seria aquele? A testa cheia de linhas, os cabelos escorridos sobre ela, as sobrancelhas grossas e negras, um nariz cheio, com um discreto desvio na parte final. Por que penteava o cabelo daquele jeito, escorrido na testa? Descobriu um corpo cheio de elevações e abaulamentos, de ruídos internos que traziam a saudade dos antigos vizinhos. Não sabia o motivo das cicatrizes no rosto. Na casa, tudo lhe era estranho, parecia não ter nada a ver com ele. Muito menos a profissão e os colegas de serviço. Foi dispensado por justa causa, pelos pensamentos que saíram pela boca à procura de alimento. O chefe, incomodado com a mudança, armou armadilhas no escritório. Por mais que se esforçasse, as palavras diziam das estranhas idéias, saíam como ratos

de suas tocas. Roeu a paciência do chefe e as coxas da secretária. Demorou para descobrir que todos têm seus ratos: os homens do poder, a miséria do povo; o industrial, aos empregados; os operários, às mulheres; as mulheres, aos filhos; os filhos, às drogas... Com receio, todos procuram preservá-los. E ele destruiu os ratos...

É sábado, o homem coloca um chumaço de algodão no ouvido e na boca. Esparrama gasolina e óleo diesel na cabeça e no quarto. Não agüenta mais as noites de insônia, tem esperanças de matar os novos inquilinos. Se deu certo com os ratos, daria com os pensamentos...

DESTINOS DE VIDRO

Se o frio de julho não era impedimento para Álvaro sair, como imaginar que os fantasmas que rondavam sua cabeça o seriam? Álvaro aproveitava a viagem da família para passar o final de semana nas montanhas. Passou o dia entretido na leitura de alguns clássicos que mantinha em sua casa de campo, em Campos do Jordão. A campainha do telefone despertou-o.

Era seu filho ao telefone. Haviam chegado sem problemas. Procurou ser rápido. Disse estar bem e que não lhe faltava nada. Quando desligou, foi atraído pelas cores na janela. À esquerda, um céu quase cinza fazia uma falsa linha de horizonte; à frente, um céu amarelo, com nuvens em cirros, em um espectro de cores: do cinza ao amarelo. Aglomeradas, tornavam-se vermelhas.

Achou estranho esse seu interesse repentino pelas cores. Traziam-lhe recordações da infância, quando brincava de colocar pipas nas nuvens. Era como se colocasse palavras: lá do outro lado, onde os pássaros voam e o sonho faz seu ninho, meu sonho dá piruetas; sou uma pipa lá pelas bandas do vazio. Foi a primeira e a última poesia. Daí nunca tê-la esquecido. Arquivada... Com certeza, juntos estão o primeiro amor, a primeira trepada, o primeiro medo, a primeira morte, a primeira tempestade; talvez o último olhar, sem medo e sem receios, dirigido à vida.

O corpo chamou-o à realidade. A mão começava a adormecer, formigava; o estômago reclamava de sua distração. Nem água tomara nas últimas dez horas. Sair roubaria a tranquilidade em que estivera mergulhado a tarde toda, mas poderia afastar os fantasmas. Acendeu a luz do abajur que estava sobre uma antiga escrivaninha. Havia sido de seu pai. Passou as mãos no pequeno reservatório de tinta. Desde sua morte não teve coragem de explorar aquelas pequenas gavetas. Sentou-se e colocou a pena na caneta de madeira. Ficou algum tempo observando-a contra a luz. Apesar das mãos pesadas, o pai as deslizava levemente sobre o papel. Admirava aquelas letras angulosas, nítidas

e cheias de curvas. Via nelas a energia e firmeza do pai; também a teimosia e a severidade. Nenhum deslize. Não admitia rasuras em seus textos, fosse carta ou recibo, jogava-os na lareira. Álvaro lembrava-se da chama retorcendo, no início rápida e depois lentamente, o papel amassado.

O frio começava, com sua lâmina fina e fria, a cortar o rosto dele. Na lareira, da lenha restaram cinzas. Teve vontade de jogar o resultado daquele exame no fogo. Escreveu algo no papel, vestiu o casaco, pegou o chapéu e saiu. Parou no degrau da escada que dava para a rua. Uma névoa começava a encobrir tudo. Como a distância fizera com os seus. O desejo era poder decifrar toda a alquimia que a natureza lhe oferecia. Tudo ao seu redor, como mágica, tornara-se negro. Árvores e casas eram sombras escuras na distância. O universo fechava suas pálpebras. Tudo eram linhas. Linhas do ontem e do hoje.

Deixou para trás a velha casa de madeira, onde cada detalhe fazia parte de sua história. Não se enxergava um palmo além do nariz. Nada o incomodava mais do que aquelas idéias estrambólicas e que ele procurava deixar enroscadas na névoa que ia ficando para trás. Achava-as mais para poetas do que para um cidadão comum. O sorriso discreto em seus lábios era pelo que ouvira quando criança. Da própria Cecília Meireles. Era amiga de seu pai. Ela havia ido ao encontro de Fernando Pessoa e ele, em função de análise minuciosa do horóscopo dos dois, deixou de comparecer. No local combinado, deixou um livro autografado e um bilhete pedindo desculpas. Álvaro considerava-os uns malucos. Recebia-os na editora por respeito ao pai. Às vezes, sentia vontade de publicar um autor ou outro mas as aventuras literárias do pai logo o alertavam para o risco do fracasso. Temia cometer o mesmo erro comercial do velho. Realismo forçado pela situação falimentar em que ele deixou a editora. Toda a família sofreu com o seu idealismo. Com sua morte, Álvaro reestruturou a empresa. Especializou-se na publicação de livros técnicos. Todo o patrimônio conseguira nesse empreendimento. No segmento de mercado em que atuava

não havia concorrentes.

As pernas seguiam à mercê das lembranças. O peso do casaco de lã que descia até os joelhos começava a incomodá-lo. Ajeitou o chapéu preto, deixando a aba levemente caída sobre a testa. Usava óculos de aro metálico e grossas lentes. Eram do pai. Apesar dos dissabores comerciais sempre o admirou. Usar seus objetos pessoais era um modo de homenageá-lo. Da casa até o bar, apesar de já termos caminhado umas boas linhas de narrativa, a distância não ultrapassava dez quarteirões. Caminhar em lembranças e pensamentos estica a distância.

Parou na frente do bar. O embaçado dava um certo ar de fantasia na luz que refletia nos vidros foscos e amarelos da porta. Sentiu-se frágil ao se lembrar da caneca de vidro da Bohêmia estilhaçar-se no chão. Era como se sentisse aquele segundo de arrependimento por ter entrado no escritório do pai sem ordem e ainda ter derrubado o objeto que ele mais gostava. O pai não o castigou, mas o silêncio no rosto dele ficara gravado na sua memória. Era como se naquele momento o mundo se resumisse no seu pai catando os estilhaços no chão, tentando ainda juntá-los como um quebra-cabeça, com uma sombra negra ao redor dele.

Um casal abriu a porta e desapareceu na noite. Abriram uma avenida de luzes e vozes no ontem de Álvaro. Um passo foi o suficiente para saber que não estava no sonho. A porta fechou automaticamente às suas costas. O olhar vasculhava cada rosto à procura de um conhecido. Já havia desistido de encontrar alguém, quando viu um homem acenando-lhe, segurava um copo de chope na mão. Reconheceu o doutor Paulo, médico que se instalara em Campos do Jordão para tratar uma tuberculose cavernosa. Abandonado pela família, acabou ficando, como tantos outros. Álvaro gostava de ouvir suas histórias de médico do interior. Até se dispôs a publicá-las caso resolvesse escrevê-las, mas o homem nunca levou muito a sério a oportunidade.

Com o rápido reconhecimento do amigo, Álvaro retirou o chapéu, passou a mão levemente pela sua aba úmida e fria, ajeitou os cabelos, e dirigiu-se até onde ele se encontrava. Os olhos, metidos em grandes e grossas sobranceiras negras, esquadrihavam todo o ambiente. Ninguém deixava de observar o homem de rosto afilado e que se vestia de forma incomum, mas com uma elegância indiscutível. Deixou o chapéu sobre o balcão e abraçou o amigo carinhosamente. Manteve-se algum tempo com as mãos sobre os ombros dele. Um pouco mais velho, como também ele deveria estar. O rosto aluado de sempre, cheio de cicatrizes, seqüelas da juventude e dos medicamentos da tuberculose. “E, então, como estão as coisas?”, perguntou-lhe, enquanto retirava as mãos de seus ombros e pedia um aperitivo. “Nada de novo. O que poderia acontecer em uma cidade do interior? Estupro? Crimes? Assaltos? A estréia de alguma peça teatral? Até o festival de inverno anda sem criatividade. Os velhos amigos, dos tempos da tuberculose, praticamente se foram. A única boa novidade é você. Mas me parece que não está nada bem”, disse-lhe, ajeitando-se para que fosse colocada mais uma banquetta ao lado da sua.

Tudo não passaria de um encontro de velhos amigos, não fosse sua atenção desviada para aquela mulher. “Não olhe agora, Álvaro, mas há uma mulher à sua direita, sentada com outras duas amigas, na mesa de fundo, que não tira os olhos de você”, cochichou-lhe Paulo, a certa altura da noite. Álvaro não lhe deu atenção, disse não estar interessado, que queria ficar sozinho, colocar a leitura em dia e descansar. Paulo mudou de assunto. Parecia ter esquecido o ocorrido. Quando voltou do banheiro, Álvaro percebeu que se enganara. Ao lado do amigo, uma mulher, de cabelos lisos e escorridos, que caíam sobre os ombros, conversava animadamente. Sorriu-lhe ao perceber que se aproximava. Paulo não permitiu que ele pegasse o chapéu, segurou-o pelo braço e apresentou-lhe a amiga. Álvaro tomou seu aperitivo em silêncio. Os dois pareciam velhos conhecidos. Um pouco de conversa e Álvaro ficou sabendo que era

desquitada e tinha um filho que estudava na capital. Já se sentia arrependido de ter saído de casa quando a mulher pediu licença para retornar aos seus.

“Essa mulher é uma coitada, Álvaro, se eu fosse você puxava conversa com ela.”, foi o que lhe disse o amigo, assim que a mulher se afastou. “Por que faria isso, Paulo?”, olhando-a, agora, fixamente. “Eu sou seu médico. Como ela me iria encarar na cama, sabendo que eu sei de seu problema?”, respondeu-lhe, olhando o amigo com um ar de pena. “Como assim?”. “Ela foi operada do seio, você sabe, teve que extrair um deles, seria um favor que você faria a ela. Pense bem, Álvaro”. Depois desse curto diálogo, por mais que as idéias dos dois vagassem e enroscassem aqui e ali, Álvaro não conseguia desviar o olhar daquela mulher. Nunca sentira algo semelhante, uma vontade compulsiva de resolver o problema dela. Tudo era tão absurdo; inexplicável também. Tentou várias vezes pegar o chapéu e sair, mas alguma força o impedia. Vez ou outra, os olhares cruzavam-se. Ela sorria e acenava. Era convidá-la a ir ao seu chalé e pronto. Então, por que não o fazia? Além do amigo, quem poderia saber? Paulo, percebendo a troca de olhares, insistiu: “Não há crime algum nisso. Vá até lá, olhe como ela está nos observando”.

Álvaro pegou o chapéu e saiu. O amigo foi ao encontro da mulher e cochichou algo em seu ouvido. Ela recolheu apressadamente sua bolsa e casaco e saiu sem se despedir. Fora, Álvaro misturava-se à noite, era uma sombra negra. Desapareceram, abraçados, na cortina branca. A pedido dela, pararam antes de entrarem no chalé. “Por favor, você vai prometer que não vai tirar meu sutiã, nem vai me perguntar o motivo”, pediu-lhe, colocando seu dedo indicador nos lábios dele.

Na sala, a única luz iluminava a escrivaninha. Dora, era esse o nome dela, passou os dedos levemente pelos objetos antigos que se lhe apresentavam, enquanto Álvaro reacendia a lenha. O vulto da mulher em pé, atrás da cadeira, trouxe-lhe a lembrança da mãe. Ela ficava como sombra atrás de seu

pai aguardando suas cartas e ordens. Às vezes, parecia-lhe que ela inclinava seu corpo para junto dele, mas arrependia-se a meio caminho. Acesa a lareira, Álvaro ajeitou-se no grosso tapete de pele de carneiro. Dora ainda demorou um pouco na escrivaninha, nos velhos objetos de porcelana, nos quadros da parede. Quando se voltou, a presença de Álvaro na frente da lareira assustou-a. Parecia que seu corpo ardia em chamas, não a lenha. Riu ao perceber o engano. Álvaro nunca saberia, mas era o primeiro homem que saía com ela depois do ocorrido. Deitou-se e acomodou sua cabeça nas pernas dele. A luz da lareira rasgava seus corpos nus.

Álvaro acordou com a luz que vinha da janela. Pequenas partículas vagavam em suspensão. A mulher dormia ao seu lado. Nunca sentira o prazer que ela lhe proporcionara. Percebeu que alguém abrira o envelope que deixara sobre a escrivaninha. Só podia ser ela. À medida que a luz iluminava o ambiente, o ódio que sentia aumentava. Não compreendia o motivo de ter aceitado o jogo. Não precisava disso, era jovem ainda, poderia escolher uma adolescente como fazem seus amigos. Aproximar-se da vida, não da morte. A vontade era arrancar o sutiã dela, humilhá-la. Ela saberia que ele gozou sabendo de seu cancro, de seu câncer.

Dora acordou sorrindo, sem dar sinais de saber de algo. Levantou-se e foi até a janela. Pássaros faziam algazarra na lateral da casa. O sol era forte e dava cores vivas e fortes à natureza. No horizonte, uma tênue cortina de névoa encobria as montanhas. Dora espreguiçou os braços e o corpo. Permaneceu alguns minutos com a paisagem impetigando a retina. O momento devolveu-lhe o seio amputado. Voltou-se para dividir aquele instante com o companheiro. Encontrou-o transtornado, com a carta na mão. Tentou explicar que fora por acaso, que levantara para beber água, que a carta estava aberta, que pouco importava tudo aquilo que estava escrito ali. De nada adiantou, Álvaro deixou-a nua, ferida e vergonha expostas. Dora, com uma das mãos, escondeu o vazio

do peito e desapareceu na luz do banheiro.

Chorava, deitada na banheira, quando ele se aproximou e deixou o resultado do exame suavemente na superfície da água. Nela a letra borrada, em desordem, solta e fragmentada, cheia de incerteza, desfazia-se: leucemia linfóide aguda. Depois de um silêncio, riram. Riso de cúmplices. Enquanto se olhavam, esquecidos de seus destinos, a água descia pelo ralo, levava seus segredos: nunca haviam se aproximado tanto da vida.

O VIZINHO DO PISO SUPERIOR

O róseo-púrpura do crepúsculo desce atrás dos prédios, oferece-me, num quarto de hora, uma paz acolhedora. Anos após anos, meus olhos, curiosos e aventureiros, do outro lado, na estrada tortuosa que se perdeu no passado. Com as mãos nas grades, com a dúvida a pedir um pouco de meditação, permaneço absorto. Não demorará muito para escurecer. Se fosse jovem, seria fácil recuar. A lua, com seu corpo transparente, desenha minha sombra na parede. Sou uma sombra.

“Como é fria a parede...” O mesmo frio interior. As grades, enferrujadas pelo tempo e pela falta de manutenção, não oferecem resistência. Com o tempo, a impotência nos coloca frente a frente com a morte, fica mais simples aceitá-la. Maldito medo do desconhecido! Embaixo, uma multidão corre riscos, não se deixa influenciar pelas estatísticas. O cemitério construído ao fundo é um aviso. Já não me incomoda. Em determinadas situações, a própria morte acaba sendo uma opção.

Nenhum ruído, um pó ferruginoso forrou o chão ao tirar minhas mãos da grade. Nunca minha sombra esteve tão presente. Trazia bom agouro, não havia dúvida. Ou eu queria que trouxesse... Rareavam os que passavam lá embaixo. Estavam, com certeza, entre paredes, protegidos em suas fortalezas. Andamos em círculos, às vezes maiores, às vezes menores. Assusta-me a idéia de não sair do lugar.

Escurece rapidamente; mais rápido, o meu cansaço. Cansaço de não fazer nada, somente contemplar. Como o faço agora com as janelas que alternam claros-escuros. Como um véu transparente, uma nuvem cendrada recobre a lua. Noite para bruxas, noite vazia, noite dos amantes que apagam e acendem luzes, abrem e fecham cortinas. Abraço o travesseiro, já não sou observado pela lua. Faz silêncio.

Uma noite íngreme, cheia de obstáculos, fluía além das grades. Parei o

olhar alguns segundos no crepúsculo que se apresentava do outro lado. Sentia o olhar do passado a me puxar, como o ímã a um metal, de volta ao meu espaço. Tentava não ceder, em vão. Pedras enormes, desgastadas e sulcadas, formavam a parede que suava o meu medo. Era passado. Pedra após pedra, a esperança de liberdade se esvaía. Uma fortaleza construída em função de nossos medos e incertezas, a registrar os limites entre quatro paredes. Haveria algum sentido? Os homens se esquecem do caminho que leva a vales e montanhas. Distraem-se em sonhos. Recusam a vida. Enclausuram-se em castelos medievais.

Amanhece. A luz flagrou-me sentado, desenha as grades em meu rosto, traz minha sombra, enquanto eu observo um besouro que, aprisionado entre minhas pernas, caminha em círculos. Lá embaixo, a cidade acorda. Uma multidão observa um corpo estirado no chão. Sobre seu corpo, o letreiro anuncia a temperatura e as condições do ar. Morreu em dia fresco e com o ar respirável. Estranho... Pela primeira vez, não ouço os passos no piso superior... Do quarto para o banheiro, do banheiro para a cozinha, da cozinha para o quarto... Foi o vizinho do piso superior...

RENDA PORTUGUESA

“Fica quietinho, fica... Olha!” Os corredores das duas casas eram separados por um muro. Ela não sabia que eu estava do outro lado. Tomava um café, recostado no batente da porta. Sua voz, quase infantil, misturou-se ao chilrear dos pássaros, ao verde da renda portuguesa, às flores brancas e vermelhas caídas dos hibiscos. Era uma manhã lavada. Tudo parecia novo, como se a natureza acabasse de ser formada. Chovera muito à noite. daquelas chuvas inesperadas... Inesperada como a morte. De repente, a notícia. O silêncio... Uma longa pausa... Desapareceram os gritos. Não havia mais razão; os filhos pareciam ter dado uma trégua a ela.

Borboletas arriscam um voejar pirata. Duas orquídeas nos espiam. Pássaros empurram o silêncio. Ondulam asas-deltas no céu... Surfar em nuvens. Alguém bate estacas ao longe. Há um ruído de máquina; alguém cortando grama. Mutilam... Teimosas, elas crescem novamente. Onde deixar a renda? Debaixo dos hibiscos, na sombra, você disse. Percebi que também ouvia a voz da mulher do outro lado do muro. Nada falamos sobre isso. Desviamos nossas atenções para a renda portuguesa. Onde colocar-se na vida? Nas sombras? Longe dos ventos? Ou sair na Marquês de Sapucaí como se aquele fosse o último dia? Depois, a paroxítora apontando seu dedo, em rigidez militar: chegou a hora. Que hora, se não sei nem por que vim? Por que viemos? Deve ter sido essa a grande pergunta que mudou os rumos. Por que retornar à rotina depois dela? Melhor pisar na grama, na água, na vida, sem saltos de borracha.

A coleira esquecida no prego, as palmeiras, a velha arandela sem luz, as azaléias, a água da piscina, serena. Quantas vezes não parei nesse mesmo lugar e fiquei à espreita aguardando o silêncio depois dos gritos? Como toras a impedir novos caminhos. Matam... Para que os muros? Eles não barram vozes... Muito menos silêncios. Somente os olhares... Nós a conhecemos tão bem! É o que você diria, não estivéssemos preocupados com o melhor lugar para colocar

a planta. Mas não precisava, não havia muros entre nós, somente o olhar. E eles se separavam, desviavam-se para o outro lado sempre que o ódio daquela voz clareava os cantos escuros dos canteiros. Não passava meio-dia para os gritos rasgarem a manhã, afugentarem as pequenas aves. Elas saíam em revoada, assustadas como as crianças. Voltavam mansamente, ciscando pequenos alimentos. Não demorava para a antiga ordem voltar. Na casa, também. Acho até que, com o tempo, eles se acostumaram. Pareciam menos convictos da necessidade da fuga.

Estranha, a vida. Ora estamos no topo, ora no vale. Como onda luminosa. A fatura hoje trará a escassez no amanhã. É a lei da vida. Muito sol, queima a pele; pouco, dá osteoporose. São os doutores que dizem. Muita ordem, súbito trouxe a desordem. O carro já não tinha hora para chegar ou sair. As janelas ficavam fechadas, dias seguidos. Não havia mais os pequenos olhos de gato da menina curiosa querendo saber das coisas que ocorriam do lado de cá. Queria saber do silêncio. De nosso silêncio... E somente por isso apanhava... Eu a vi ainda outro dia na rua; os olhos assustados. Até me cumprimentou. Foi rápido, um pouco envergonhada. O irmão desapareceu nas responsabilidades da idade. O outro, o que mais apanhava, perambula suas tristezas nas ruas. Todos em silêncio.

Eu não preciso lhe perguntar. Você se lembra. Foi a vizinha da outra rua que confirmou. Aquela mudança repentina não trazia boas notícias. É câncer, cochichou a vizinha. Confirmei com o marido dela no dia em que ele lavava o carro. Contou-me tudo como um grande segredo. Percebi que precisava falar. Meu silêncio serviu-lhe como uma luva. Câncer... Meus olhos nos fios de alta-tensão. Por ali passa o ópio do povo, milhares de quilowatts, sons e imagens. Sob os pés de um pássaro inocente. Como? Câncer...

Foi espontâneo suas mãos passearem pelos próprios seios quando lhe dei a notícia. Você quis saber como ele estava. Como podia estar? Assustado,

os cabelos mais brancos. Continuava freqüentando a casa às noites e nos finais-de-semana. Isso quando ela não ia fazer quimioterapia. No restante, era o mesmo homem que imaginávamos quando ouvíamos sua voz. Sem muita convicção de nada, um pouco vazio. Sem identidade. Imantado pelo dia-a-dia. Foi estranho observá-lo sem a agressividade com que tratava os filhos. A voz mansa, com a leveza de uma pena. Amedrontado, olhos impacientes, puxava-me pelo braço para que ela não o visse conversando com estranhos. Ela não quer que saibam, disse-me. Devo ter dito, para ficar tranqüilo, que nada diria aos outros. Senti liberdade em me contar. Não por confiar em mim, mas por pura necessidade de falar. Teceu o longo martírio, do diagnóstico ao tratamento.

Não preciso nem perguntar se você se lembra. Apavorou-se com tudo. Ficou semanas olhando-se no espelho. Queria até que eu apalpassem seus seios. Procurou aproximar-se dela. Lembra-se? Talvez não. Você está distraída com a beleza da renda. O tempo sempre apaga um pouco o pavor. O tempo... Uma caixa de comestíveis minutos. Foram meses assim, um silêncio sepulcral. Ela estava mais arredia que antes. A peruca mal disfarçava o sofrimento. A volta de diálogos, muitas vezes monólogos, do outro lado, indicava que algo não estava tão perdido assim.

Nada mudou desde então. Em alguns momentos, chegava a acreditar que tudo voltaria a ser como antes. Mas não. Ouvia-se somente o silêncio. A menina nunca mais apareceu na janela com seus olhos de gato, nunca mais apanhou. Ela perdeu a curiosidade. Ainda ontem a vi na rua. Atravessar a rua pode ser apenas um gesto a mais. Parecia adulta demais para seus treze anos. Pouco se ouvia dos meninos, das antigas brigas que tanto exigiram dela. Andam chutando raivas nos subterrâneos. O lar foi um sonho, um projeto de vida, dobrado. O velho discurso virou pó. A sabedoria é um canto abafado pelo sono dos homens.

Foi sua mãe quem nos deu... Você tem razão, foi no nosso aniversário de

casamento. Adaptou-se bem onde está. Melhor deixá-la aí. Para que mudar a renda portuguesa de lugar?

VOCÊ NÃO DIZ ABSOLUTAMENTE NADA EM BRAILE

Acendo o último palito e vejo a rosa. Não, não a rosa-dos-ventos ou aquela cujo botão implode. Apenas a palavra (do)ente. Maldito tempo a transformar os sentidos, a dizer de um outro modo. Assim começava a carta ante o olhar da chama que descobriu seu dia; com uma única palavra. Árvore de dizeres, nunca antes ditos. Pelo menos do modo como agora os percebo. Linhas tortuosas em tinta azul. Gostaria de ler no mata-borrão, histórias sobrepondo-se a outras, infinitamente. Suas cartas eram assim, algo ressecadas e ressentidas, dobraduras, intermináveis exercícios de leitura. Falar do ódio ou do amor em nada diferia.

Não fosse a distância, dividiria o negrume que ocupou cada fresta de luz. A chama bruxuleia até a extinção das diferenças, frouxamente. Ferver o pavio, fio do destino da luz, o fim. A bailarina é apenas uma sombra sensual. O fogo agarrado aos olhos é mais uma leitura, tentativa de dizer antes das cinzas. As sintaxes estão onde não deveriam estar. Lá fora, do outro lado, nuvens tapam a Lua; corpos passam aéreos em sutis diferenças de preto e branco. Há muito pouco brilho no negro do asfalto, mesmo tendo chovido. Quanta coisa gostaria de lhe dizer ao pé de uma chama... Mas é muda a vontade, muda a paisagem, muda a palavra, mundo mudo...

Apago o motivo e passo os dedos no papel. Sou cego de sensações tácteis. Você não diz absolutamente nada em Braille, você não conhece Braille. De tão liso, supõe-se branco o papel, talvez umas poucas linhas a forçar o equilíbrio horizontal das idéias. Marcar a distância de dois dedos em paliçada e iniciar o parágrafo; da esquerda para a direita; de cima para baixo. O burro subia a rua, arreio de cabeça e pescoço, chicote no lombo, sem ser possível arriscar. Aproveito a escuridão para apalpar os mistérios das gavetas. Encontro chaves, diários, contas a pagar, recibos e uma velha arma que nunca disparou. Por que não disparou? Mesmo sem luz, há leituras...

Menti, sou confesso; uma única vez ouviu-se o estalido do revólver que foi de meu avô. Disparo a coser a barra do vazio; marear invisíveis partículas em suspensão. Derrubou a última esperança de harmonia. Pássaro algum quis saber do silêncio que veio depois. Não foi de propósito, não desejava acertar ninguém, muito menos você. Apagou, você apagou. Guardei o derradeiro suspiro e o último horizonte de seus olhos. Todos perguntaram e eu não consegui afirmar o motivo do ato. Não estava ali quando idéias semelhavam o caminho do burro que subia a ladeira; assuntava o exótico, o aéreo... Bocas moviam-se no vazio, silentes, mudas, ausentes... Por isso estou aqui, foi o que disse meu advogado naquele jeito tupiniquim de ser.

Engraçado não necessitar de fotografia para desenhar seu corpo, ele vem de algum fundo. Apalpo suas curvas, brotamentos, suculências... O gosto do batom que você usava, o cheiro de seu perfume... Descubro as saliências na saudade. Não encontro vela nem fósforo para acender um outro início. Adormeço com a palavra registrada na mente... Como suportar... No leito da companheira, uma figura esguia, olhar de desafio, lábios no bico do seio, com nome de flor, não há mais nada além de uma carta... Tiras de idéias...

GEOMETRIA

Talvez eu devesse iniciar falando de meus traços, mas peço desculpas. Pouco conheço das linhas e dos limites de minha substância vital. Tudo ficou perdido nos reflexos das águas e dos espelhos. Eu me olhei milhões de vezes, escovando os dentes, penteando-me, maquiando-me, e nunca me enxerguei. Se nada sei de meu corpo, como descrevê-lo? Os outros, a família, sempre souberam mais sobre ele do que eu mesma. Amarrada e calada pelo mundo dos adultos, restou-me o olhar e o ouvir. Sou essa massa amorfa sentada de frente para a janela de meu quarto.

São duas horas. O céu nublado e o mormaço prenunciam uma chuva de novembro. A pouca luz que entra no quarto é suficiente para desnudar a velha máquina de costura, o quadro na parede e a mulher sentada na cama. Fora, próximo ao muro que dá para a janela, uma flor alaranjada, tremula. De seu centro avermelhado escapa uma haste branca. É uma flor de hibisco. A unha de gato agarra-se com força na parede.

Linhas... Os limites do outro são mais fáceis de serem percebidos; são os primeiros que aprendemos a ver. Mímica primeira é a do rosto do outro, também o sorriso, as verdades e as mentiras. Somos aquilo que nos dizem os olhos deles, suas expectativas e fantasias. Seguimos nos agarrando em nada. Somos estranhos a nós mesmos. Grito preso na garganta. De quem será esse grito que invade minha janela?

Um grito forte e curto. Deixou-a paralisada, olhar perdido na distância. Trouxe-lhe a figura do tenente Zé, escondido atrás das lentes escuras dos óculos e do bigode sempre muito bem-aparado. Fazia seu serviço com perfeição. Primeiro, o silêncio e a pouca luz como intimidação. Ele ficava sentado, o quepe sobre uma velha mesa, encarando-a. Nenhum gesto; nada. Apenas a respiração lenta e rítmica. De repente, uma luz vinda de trás da mesa rasgava aquela pocilga. No chão, esparramados pelos cantos, metais e roupas sujas. Um ventilador

só para ele. Não havia janelas, o que deixava o ambiente muito quente. Depois de um longo silêncio, levantava-se deixando a sombra de seu corpo cobrir a acusada. Então caminhava de um lado para o outro. Conversava, dizia que ela deveria tornar o serviço mais fácil, que seus amigos já haviam confessado tudo. Que era perda de tempo resistir.

Confessar o quê?, eu pensava. A primeira vez que tentei falar do quadro, deixei-o irritado. Percebi pelas linhas horizontais que cresceram na testa do homem e pelo suor que descia de seu rosto. “Você quer brincar comigo, não é?” Falava cuspidando saliva em mim. “Pensam que são os tais. Não comigo, ouviu? Mandem o primeiro para domar a mocinha.” O choque subia as pernas, deixavam os músculos retesados, doloridos. Doía a bexiga. Não via mais o homem.

Tenente Zé ordenava que a levassem dali assim que recobrasse a consciência. Ajeitava o cabelo e, sem tirar os olhos da mulher, colocava o quepe sobre a cabeça e ia embora. Era um homem muito paciente, que cumpria as determinações superiores sem questionar, era o que havia apreendido com os anos de caserna: o respeito à hierarquia. E sua função naquele momento era arrancar o que fosse possível, custasse o que custasse. O fato de ser uma mulher deixava-o mais tranqüilo, sempre foi mais fácil arrancar delas a verdade. As sessões repetiam-se uma, duas... dezenas de vezes. Quando voltava a si, estava na cela, um cubículo úmido e cheirando a mofo. Molhada e humilhada. Na cabeça, a voz do homem: “E então, vai falar ou não?” O cheiro de suor, sangue; os gritos... Os corpos dos companheiros que não suportavam a tortura, com uma estranha paz no rosto, eram carregados pelos corredores em carrinhos, desses de pedreiros. A comida, uma lavagem que nem os porcos aceitariam, esperava-a ao lado da latrina. No início, vomitava; depois, como tudo, acabou aceitando.

A dignidade, o que era dela? Em fiapos. Quantas vezes não pedi a

morte? Os dedos escorriam pelas grades, as unhas ficavam cheias de ferrugem, o corpo amontoava-se no chão, adormecia. Acordava ao som do Hino Nacional. *His Eye is on the Sparrow*. Como acreditar? Já havia perdido a esperança de reencontrar os meus, ouvir as músicas que gostava, deitar a cabeça no travesseiro de infância. O quadro... O mesmo que irritava o tenente Zé. Estava no mesmo lugar em que o deixara. Quando criança, e mesmo quando já adulta, acreditava existir um lugar como aquele. Deixava a imaginação flutuar naquele barco em águas mansas. Queria chegar do outro lado, na cidade geométrica. Era assim que eu denominava a cidade do quadro. As casas eram retangulares ou quadradas, cheias de janelas. Ao alto, a igreja. Acreditava que as pessoas que lá viviam eram felizes, diferentes de meu mundo.

“Quem pensa que é? Quer reformar o mundo? Vamos, diga, quem são seus companheiros?” Ela desistira de dizer que era um sonho planejado em seu quarto. Tudo solitário, sem companheiros. No silêncio do dia-a-dia. Desejava que o mundo coubesse na tranqüilidade do quadro que estava dependurado lá na parede, que as pessoas fossem felizes como a criança que pesca sem pensar em peixes. Ou igual ao casal que vai eternamente ao encontro do barco, sem nunca conseguir alcançá-lo. Era somente isso que ela queria e não sabia como explicar. Não podia compreender o sangue escorrendo pelo seu rosto, a cor da violência em seus lábios, por sonhar.

Ruídos... Dia e noite. Tiros dirigidos a quem? As pessoas desapareciam; outros rostos ocupavam seus lugares. No início assustados; depois resignados. É minha mãe lavando a louça. Sempre submissa. Ia na vida como as bainhas das costuras que fazia. Quando a linha arrebentava, havia ali uma exímia costureira. A velha Singer, abandonada ao lado da cama é dela. Acostumara-se com minha reclusão. Envelheceu muito. Ficava horas alisando meu cabelo. Eu admirava os olhos azuis incrustados com tanta perfeição no rosto dela; as grossas e negras sobancelhas; os enormes cílios. Adorava tocá-la, sentir a suavidade de

sua pele. Quando sozinha, eu ficava horas no espelho procurando-a em mim.

O pai, a essas horas, deve estar jogando xadrez com os amigos. Ficou calado durante todo o trajeto que a devolvia ao lar. Filho de emigrantes espanhóis, nunca endossou o comportamento da filha, principalmente os que antecederam a prisão. Dizia-se apolítico e concordava, à distância, com a propaganda anticomunista. Dizia nas conversas de bar, quando a bebida liberava sua timidez, que admirava o fascismo. Detestava a juventude. Em todo o tempo em que ela esteve presa negou-se a citar seu nome, ignorou-a. Foi a mãe quem foi à luta, compreendia, era mulher também.

Era mais amigo de meus irmãos. Sempre quieto, inatingível. Nunca me dirigiu um carinho sequer. Eu ansiava por receber o mesmo olhar que ele dirigia para minha mãe. Aceitei o jogo. Perdi. Perdemos. No final, ele se afastou das duas. Eu me senti como uma boneca perdida nos cantos da casa. Imaginava-me a outra... Devia haver outra. Passei a odiar minha mãe. Perdi meu referencial. Usava roupas e pinturas extravagantes. Nada... Seu desinteresse pela família aumentava dia após dia. Senti raiva de ser mulher, de sua fragilidade e subserviência. Odiar a vida... Tornei-me cúmplice das injustiças. Explodi o grito nas ruas. Era uma criança... O grito lá fora também é de uma criança. “Mãe”, era um domingo. Ela costurava uma saia para uma freguesa. Fiquei na frente dela, a voz represada. Parou de pedalar e voltou-se para mim. A boca cheia de alfinetes, a fita métrica no pescoço, as mãos sobre o tecido. Vi o brilho de seus olhos descerem pelas minhas pernas. “Vamos, menina! Você ficou menstruada!” Era isso que eu queria dizer e não conseguia. Largou tudo como estava e arrastou-me para o banheiro. Tornara-me mulher. Muitas de minhas fantasias foram costuradas nessa velha máquina. E todas foram perdidas naquela tarde.

Quando a luz acendeu, havia na frente dela um outro homem, bem mais velho que o tenente Zé, sem bigode, cabelos grisalhos, o olhar frio e distante.

Sentiu muito medo. Ela ouvia coisas horríveis dos outros torturadores. Sentia-se segura com o tenente. Respeitava-a. Este se aproximou e acariciou o rosto dela. Mas não parou, desceu até os seios e mais embaixo. Ela apertou uma perna na outra com força. A voz dando a ordem para darem o choque foi a última coisa que ouviu. Quando voltou a si, as pernas estavam abertas. O homem ria na sua frente. Foram dez homens depois dele. Fez com que cada um desfilasse na frente dela. Aos berros, ela maldisse as possíveis filhas, esposas, mães, de todos eles.

Ruídos... O ouvido no alvoroço que faz um bando de pássaros. Brincam. O calor está mais insuportável ainda. As nuvens acumulam-se no céu. O espetáculo... A terceira pessoa... O olhar e o ouvir. Eu sempre olhava e ouvia na terceira pessoa. O longo e afilado rosto começava a esconder as saliências ósseas. Havia engordado. O ar cadavérico, uma lembrança. As marcas físicas da violência desapareceram. Como estão cansados os traços. Cheios de ondulações. As sobrancelhas lisas e espessas como as de minha mãe. Os cabelos castanhos escorrem sobre os cansados ombros. Os cílios, menores que os dela. Os olhos quase negros, como os de meu pai. Lábios suculentos, a prega no queixo, o nariz afilado... A pele morena com as primeiras manchas provocadas pelo tempo. Um pescoço longo, as veias salientes. Sou eu... Um eu sem muita força, morno. Meu professor de português diria: “Agora sim, estamos caminhando para um conto. Caracterizar o personagem é fundamental!” Mesmo a época sendo outra, as pessoas carentes de identidade, sem formas, sufocadas pela modernidade, o fantasma de seu saber permanece. Serei eu? Mas onde estavam os desejos, as esperanças... onde estava o desejo da carne? Talvez fosse outro reflexo, outra boneca animada pelo lençol do tempo. Imagens que ficam perdidas nas águas e nos espelhos. Quais serão os verdadeiros limites da substância?

Um novo início. A vida é sempre um reinício. Contínua ilusão de estarmos

conscientes de nós mesmos, termos o domínio do destino. Mas na maioria das vezes ele muda de rumo sem nos consultar. Foi o que aconteceu com ela naquele dia. Agredir o tal de bigode e os outros deu algum resultado. Partiram para cima dela. Quando abriu os olhos estava cercada de branco. Sentiu cheiro de hospital. Foi com muita dificuldade, e muita dor, que se levantou. Havia uma fileira de camas à direita e outra à esquerda. Alguém sorria, sentado em uma delas. Há muito não via um sorriso. Ao lado da cama, uma cadeira. Sobre ela um pequeno espelho. Pegou-o. O rosto um hematoma só. Agrediram com o que tinham nas mãos. Como leões famintos. Soube depois, mandaram-na para a enfermaria, quase morta. Ficou desacordada cinco dias. A data registrada no calendário de parede assustou-a.

Três anos escondida do mundo, num silêncio terrorista. Era um dia como o de hoje, vinha uma claridade de fora. Olhava a sombra da grade desenhada sobre a cama. A vida havia terminado para mim a partir do momento que roubaram o meu quadro, arrancaram o último fio de minha dignidade. Portanto, nada de luzes. Somente o abismo da desesperança. O acaso. Ela chegou acompanhada de dois guardas e me levou dali. Puxava-me pelo braço, apressada. Tinha medo que me roubassem. Mal sabia ela que eu já não existia. Ela não levava uma mulher para casa, mas os restos, o que sobrou.

A cidade passou pelos seus olhos como algo muito distante e impossível de ser vivido. As pessoas nada sabiam dos corredores escuros do poder. Passou pela sua cabeça perguntar o motivo da liberdade. Queria dizer que havia outros na mesma situação; que estavam morrendo; queria... Somente muito mais tarde ela soube o motivo de sua liberdade. No processo militar, o nome do filho de um general desfilava ao lado do dela. Alguém roubou a folha onde constava o nome dele. Quando era para ser enviada de volta ao presídio, nada encontraram que a incriminasse.

Preferia ter morrido a ter a sorte que minha mãe tanto me buzina nos

ouvidos. Lá fora começa a chover. Agrada-me abraçar o travesseiro contra o peito. A flor do hibisco esconde o vermelho, o peso da água fechou-a. A tarde deixa lágrimas sobre suas pétalas. Vem um gosto salgado na boca. Perdi o pólen, a essência, a fantasia. O quadro... Não existe esse mundo da tela. Esse lugar feito só de vontades, onde os atos são parados no momento. Como a mulher e o homem, mãos dadas, parados no cais; ou a criança que pesca, sem nunca levantar a vara; ou o barco que parte, mas nunca chega; ou o fluxo do rio que não segue. Como eu em meu quarto, que quero pegar o hibisco, abraçar minha mãe, ter fantasias, mas estou sentada nesse canto, silente, passado, como todos os outros objetos. Serei um conto? Obra de ficção?

A mulher que se penteava, olhar sempre no vazio, enxergou...

HERMAFRODITAS ROÇAM O VENTO COM SUAS ESPIGAS

Fico aqui, roçando as teclas assexuadas do piano. Brancas, semelham virgens românticas. Sem acidentes, circulares tons, cantos gregorianos. Fui interno do colégio Salesiano. Sociedade de S. Francisco de Sales, fundada por S. João Bosco em Turim, em 1859, e que se destinava à educação de jovens. Pelo menos é o que dizia a carta enviada a meus pais confirmando minha matrícula. Foi logo depois das festividades do ano-novo. Quem falava era meu pai; mulher era baú de filhos, ficava no porão até hora de parir e retornava.

Quiseram que eu fosse padre; fui homem. Frágil e imberbe, e para não ser comida de urubu, restou a indisciplina. Um derradeiro murro no rosto do professor de latim levou-me dali. Hoje, não sou nem uma coisa nem outra. Se toco corpo, o fiel a Deus acusa pecados e culpas; se me abstenho, o homem sonha com cores e músicas orientais. Os mesmos dedos longos do pintor fogem das tintas e das letras. Ultimamente, nem música arrisca. Onde a melodia profana? Jardim botânico de gozos. A liberdade não admite batinas. Somente sonhos à Kurosawa. Então, hermafroditas roçam o vento com suas espigas. Van Gogh tocava nos sustenidos. Dedos longos, com suas dobras e marolas, faziam brisas de tons.

Não há lugarejo onde se refugiar. Pensei em São João Del Rei, Aleijadinho e nas inflexões barrocas. A luz indireta dentro das catedrais traz-me uma saudade enorme da infância. Todo mineiro foi criado no peito de uma mucama, ouvindo lamentos de exilado. A ama-de-leite foi a única a chorar. A mãe permaneceu no quarto. Uma vez por ano retornava à casa. Não me avisaram da morte da empregada. Arrastei o cheiro de sua pele. Não havia odor de negra que não me provocasse um desejo incontrolável de carne. Então, casei-me com uma.

Fui expulso de casa, mulher a tiracolo. Nossas sombras subiram e desceram avenidas. Lambi seu corpo suado, senti o cheiro particular de sua vi-

rilha e trocamos carícias. Na rua, no hotel, na cachoeira e no rio. Ninguém parecia entender. Um dia, encontrei-a caída, as palmas das mãos pálidas e frias. Estava prenhe, mas na trompa. Castigo, logo pensei. E foi esse pensamento que me fez perceber o mal que me haviam feito. Quiseram meu retorno. Não aceitei. Nem no velório do velho, fui. Morreu sifilítico e maldizendo o filho que casara com uma negra. A mãe, esclerosada, tem lembrança até casamento, não sabe de filho que desapareceu do lar.

Infelizmente, a testa larga e o queixo quadrado lembram-me o pai. Em casa, não tenho espelhos. Prefiro os móveis rústicos e casas com pouca luz. Não tenho cristais e evito qualquer objeto que me deixe revelar. Fotografias mantenho em uma pasta de couro. Na rua, caminho longe das vitrinas, deixo as compras para a empregada. A voz também é igual à dele, daí falar pouco e ligar o som assim que acordo. Todos fazem de conta que não me vêem, mas percebo que me olham com estranheza. Já perceberam meu ódio pelos padres. Nas dobras, chamam-me de bruxo. Adoro o ar místico das casas de Deus. Do outro lado da rua, há uma igreja. Algo me atrai para ela. Os sinos hipnotizam-me. Só não trepamos no púlpito. Medo? Não! Por respeito. Nunca misturei a igreja com o que os homens fazem dela. Hoje, sei o que significa o celibato, li e reli São João da Cruz. Ele tocou as notas acidentais; foi perseguido e preso.

De onde vem esse sustenido... e vem outro... e mais outro... Pingos fugidios, gritos e fugas. Ao fundo, ribombar de sinos; crianças em algazarra na rua; vozerio de putas traspasam os cânticos barrocos. No escuro, as teclas pretas acionam meus dedos; ventam nos longos dedos da memória. Sinto o cheiro e o sabor do desejo.

O autor é médico e professor universitário, com prêmio de edição de várias coletâneas, publicou **Fonte Criadora** - premiação no concurso do Instituto de Poesia Internacional, 1990. Dentre as premiações devemos citar as mais importantes: Menção Especial - Poesia - **Vitrais** - UBE (RJ) - 1992; Classificado entre os trinta melhores contos da RFI-França - **Geometria e Renda Portuguesa** - 1994; Prêmio do Instituto Piaget - Poesia - Portugal - 1993 e 1995; Prêmio Carlos Sabat Ercasty - Uruguai - Poesia; Prêmio Ruth Scott do Sindicato dos Escritores do RJ - Poesia - **Factrais** - 1993; Prêmio Caetano Veloso - Poesia; Prefeitura de Belo Horizonte - Conto - **Portão** - 1992; finalista em 1995, com livro inédito **A Cor e a Textura de uma Folha de Papel em Branco**; 3º Lugar Concurso de Contos da Academia Montesclareense de Letras - **Destinos de Vidro** - 1995; Selecionado no MAPA CULTURAL do Estado de São Paulo - **Intruso** - 1995; Prêmio Stanislaw Ponte-Preta - RJ - Crônica - **O Grito não Vingou** - e Poesias - 1995; Selecionado pela Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo - Contos de Hoje e de Amanhã - **Escondidos em Baton Lilás** - 1996. Participante do Atibaia 90 - área de literatura, do Varal Cultural de Leme e Salão de Poesia Psiu Poético. Foi um dos organizadores do espetáculo "Violão e Poesia" apresentado na Casa da Cultura Jandira Massoni, em Atibaia. Foi agraciado com a medalha de Honra ao Mérito "Benediço Calixto" pelos serviços prestados à comunidade na área cultural em Atibaia. É editor do Meio-Tom Poesia e Prosa.

Quando comecei a reler "Enigma" tive a certeza de que já o havia comentado com você. Mas acho que não. Esse pensamento vem do fato de que me lembrava perfeitamente do conto (que também parece começo de uma história já lida antes), o que para mim é o sintoma mais revelador da qualidade do trabalho. Quando era muito jovem li (porque um crítico aconselhara) "Judas, o obscuro", de Thomas Hardy. Achei cansativo e duro. Mas, anos depois, até hoje, jamais me esqueci da história.

André Carneiro, autor de Ficção Científica, contista, poeta, cineasta, editor do Jornal Tentativa, conselheiro e amigo.

O conto "Destino de Vidro" é uma história mais ou menos ao estilo de Claude Lelouch, no filme "Um homem, uma mulher".

D.O Leitura nº 156, setembro de 1996.

O interessante momento que define a Arte através da escrita de Carlos Alberto Pessoa Rosa é um ritmo leve gerando uma poesia e uma maneira de contar o fantástico das coisas simples que, por outro lado, demonstra saudável e desassossegada alma intelectual.

Condensar a reação - a íntima reação que leva ao ato criativo por excelência, num breve conto, exige do escritor uma concentração espiritual e, sobretudo social. Eh, o percurso intelectual não é tão simples como alguns pensam... No-lo diz a prosa de Carlos Alberto Pessoa Rosa, cujo compromisso literário está umbilicalmente ligado à sua própria liberdade de ser e estar na sociedade, o que o leva, também, a ser dela um crítico de pena bem molhada. E sendo a sociedade feminina e masculina, num todo de fantasias entre duras realidades, o contista dá também lugar ao poeta: a livre musicalidade logo flui pelas palavras que, de certa forma, agarram a emoção mas não a fixam, porque a emoção é essa reação - a íntima reação que fixa, ela sim!, o fascinante percurso que define o escritor.

João Barcellos, crítico literário, escritor, autor de "Estórias Poéticas", crônicas, e "Uma Caravela de Prata", romance, em "Um médico-escritor",

